

À EMMA, COM CARINHO

MILENA DE OLIVEIRA SILVA MIRANDA

CICLO III

AULAS: QUARTAS-FEIRAS (MANHÃ)

PRIMEIRO SEMESTRE/ 2024

O ano é 1894.

Chego amedrontada e vertiginosa ao consultório do famoso doutor Sigmund Freud, na pacata rua Bergasse, 19, em Viena.

Sou atendida pontualmente e, quem me recebe, é o próprio doutor Freud.

O consultório, que me pareceu situar-se no mesmo âmbito que sua residência particular, embora de maneira anexa, era um tanto quanto escuro, com muitos quadros e livros. Havia também muitos tapetes e um objeto, até então não identificado, me chamou atenção. Não muito tempo depois vim saber que se tratava de uma espécie de objeto de tortura. O objeto, soube à posteriori, era por ele denominado “divã”.

À parte o cheiro característico de poeira, talvez pelo volume de livros antigos e peças de tapeçaria que após exatas noventa e seis sessões já me era quase que familiar, havia algo naquele cenário que me causava forte incômodo.

Senhora de vinte e oito anos, solteira, segregada do convívio entre mulheres que desfilavam no palco de uma vida suficientemente boa pautada no patriarcado austríaco, frustrei-me ao ser recebida de modo neutro, quase blasé embora com toque cordial, pelo neurologista que tanto alvoroço despertara na classe médica e científica. Soubera de seu relacionamento próximo com o professor e neurologista francês Jean- Martin Charcot, e ouvira falar, por bocas desconhecidas, que esse doutor meio mago também auxiliava o conceituado fisiologista Josef Breuer, o que, para mim, claramente tratava-se de um considerável currículo.

Me atentarei aqui ao que me pareceu ser minha queixa inicial.

Dentre tantas questões que resistira apagar, os sintomas físicos não me possibilitavam escolha. A paralisia dos membros inferiores, que me acometera ainda na infância, passara a ser mais frequente em meus dias, impedindo-me afazeres cotidianos, sobretudo a locomoção. O formigamento e dor no membro superior esquerdo me causava grande desconforto.

É verdade que buscara na medicina convencional a minha cura. Doutores renomados, centros de pesquisa em Viena e por toda Áustria ... ninguém descobrira as causas das minhas dores e limitações físicas. Minhas memórias e as intermináveis anamneses não apontavam nenhum trauma físico.

E, quando em face de minhas necessidades, me arriscava a caminhar pelas ruas de Viena, com as limitações que me foram impostas pela crueldade de minhas escolhas e omissões, lamentáveis episódios de surtos surgiam como ondas indomáveis em mar furioso. Perdia a dignidade frente à sociedade vienense frequentadora dos arredores da avenida Ringstrasse. Eu não era dona de mim.

- Pois bem, doutor Freud: cá estou!

O “estar”, num consultório de um doutor como ele, não era verbo, pois nada tinha que me remetesse à ação. Era, em princípio, a pior das paralisias. Talvez, defesa. Da sociedade e de mim mesma. Do doutor Freud.

Resisti bravamente. Não falei. Ele tampouco. Fim da primeira sessão.

Sai carregando minha perna esquerda para que os passos se concretizassem e me removessem com urgência dos arredores do consultório silencioso daquele mago esquisito.

“Não volto. Ainda que paralise de vez”.

No dia seguinte, na hora marcada, lá estava eu.

Em estado quase hipnótico sem ser submetida a qualquer técnica, tampouco à tal da hipnose, da qual ouvira falar, balbuciei minhas primeiras palavras, tal qual um bebê arrisca sua inscrição no mundo. Senti-me patética e impotente. As palavras não faziam sentido e eu fazia questão de me proteger.

Então ele me diz:

“Fale a primeira coisa te lhe vem à cabeça”.

Não fui capaz. Ele insiste:

“Vamos! Qualquer coisa; sem pensar!”.

Me desarmou.

Respirei fundo. Não me recordo por onde comecei. Mas me lembro, como se fosse ontem, onde cheguei.

O tratamento foi longo e nos víamos todos os dias da semana. Então, permita-me sintetizar o que foi, para mim, a libertação de todas as minhas dores atuais, e eu não me refiro somente às dores físicas.

Após insistentes tentativas de acessar o passado, ocorrera-me que, desde pequenina, onde se achavam minhas mais tenras lembranças, sofria de uma sensação de pavor ao me deparar com cachorro. De qualquer tipo, espécie ou tamanho. E sem nenhum trauma ou incidente com esta espécie de animal.

Lembro-me, no entanto, de ter relatado ao doutor que o medo não era do cachorro enquanto objeto, mas sim da sensação que estar diante deste objeto, o cachorro, me provocava.

“Fale mais sobre isso”, ele dizia.

Exaurida em tentativas de dar sentido à minha fala, preferi a tortura: deitei-me no divã.

Estar fora do campo do olhar de doutor Freud, apesar de ter-me ocasionado angústia num primeiro momento, possibilitou-me divagar por lugares fluidos, menos resistentes. Era o meu vazio.

Não havia nenhum episódio traumático ou sequer importante, na minha vida, relacionado à estas questões. Não havia. Por que, então, eu me ocupava o tempo todo com esse medo?

Viena é uma cidade cheia de cachorros, sobretudo filhotes. E desde a época que minha memória era capaz de alcançar, sair às ruas sempre foi grande tortura pra mim. Precisava estar atenta; em estado de constante vigília.

Adentrar espaços como a casa de alguém, não era tarefa possível pra mim. Se lá houvesse um cachorro, o que eu sentiria diante dele me causaria um pavor indefensável.

- Indefensável? Ora, se não tens medo do cachorro, do que pretendes se defender?

- Da sensação de impotência frente ao animal. Fico impotente, não posso fazer nada. Sou dominada. Ele me domina. Ele sempre me domina.

- Ele quem, Aria? Quem te domina?

- Ninguém me domina. Eu não disse isso!

- Aria, quem te domina?

- Eu odeio você, tio Gerard. Eu odeio você por cima de mim. Odeio seus pelos me roçando; odeio sua língua. Não quero que encoste em mim nunca mais!

Odeio quando segura meu braço esquerdo com força, e me obriga a fazer coisas nojentas em você.

E me odeio mais ainda por, apesar de tudo isso, ter ido ao seu encontro. Eu mesma fui. Meu Deus... eu mesma!

- Com suas próprias pernas?

Não era preciso dizer mais nada. Fim da sessão.

No dia seguinte, estava em frente ao consultório do doutor Freud antes da hora marcada.

- Por favor, doutor, me deixe falar.

Deitei-me no divã.

- Eu não sabia o que aquilo significava. Meu braço, que era segurado à força, doía. Meu corpo doía, meu peito doía. Mas eu quisera aquilo. Eu mesma desejara aquilo tudo. Eu fui ao encontro de tio Gerard. "Com as minhas próprias pernas"; sim doutor. A mesma que me paralisa por carregar o peso infinito da culpa.

- Sabe doutor, eu nunca me casei. Nunca processei a ideia de poder gostar novamente da sensação que desgraçou minha vida. Odeio pelos, cachorros. Odeio a vida.

Mas não se engane, doutor: já me senti perdidamente apaixonada. Lamentei profundamente tratar-se de sentimento platônico, dado que o amor de minha vida era Ava, filha de dona Adeline, do atelier de porta azul da avenida Ringstrasse.

Ele me interrompe:

- Aria, “avenida Ringstrasse”, onde seus surtos de histeria costumam acontecer? É lá, Aria?

- Essa seja, talvez, a maneira que eu achei de sustentar minhas angústias. A paralisia na perna me alivia da culpa. A dor no braço não me deixa esquecer o que talvez eu não queira esquecer. Ou, talvez, a dor me faça lembrar que meus atos eram feitos de maneira contrária à minha vontade, o que serviria de muletas para aliviar minha culpa. E os ataques histéricos recalcam o mais profundo desejo pertencente a quem não merece desejar.

Voltei pra casa caminhando. Caminhando como reles mortal, que se ocupa tão somente de colocar um pé após o outro enquanto a vida flui. O braço já não mais era acometido em dor. E a famosa avenida Ringstrasse foi visitada algumas vezes nos dias seguintes, sem ataques histéricos. O atelier de porta azul, que passara a ser frequentado por linda dama com um filhotinho de cachorro, não mais me causara pânico. Somente graça.

No ano seguinte, regressei ao consultório do doutro Freud. Olhei-o de longe. E agradei baixinho: “obrigada doutor, por dar dignidade à minha loucura”.

Querida filha Emma,

Espero que tenha lido meu breve relato de um percurso que não é sobre cura.

É sobre falta. Pois é só nela que nos reconhecemos.

*Tudo não terás, minha pequena! E aí estará, talvez, a sua fortaleza: na
incompletude.*

*Talvez você se case como eu, mais tarde. Talvez tenha filhos. Talvez tenha
ataques histéricos e não mais te considerem louca.*

*Talvez, com sorte, construa pilares menos rígidos que sustente suas fraquezas
e errâncias, e perceba o quanto machuca um sorriso por de trás do batom que
tenta, sem sucesso, preencher o buraco da falta.*

*Ao tirar a maquiagem, talvez consiga deixar que a falta grite, e então se
reconheça nela.*

*Se tudo der certo, encontrará quem lhe preste a cura através das suas
palavras, e que não retire de ti, a dignidade de trilhar o caminho de sofrer
melhor.*

Um beijo da mamãe Aria.